



HABILIDADES SOCIAIS: UMA VERIFICAÇÃO DOS EFEITOS DO ISOLAMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS NA PANDEMIA DA COVID-19¹

HABILIDADES SOCIALES: UNA EVALUACIÓN DE LOS EFECTOS DEL AISLAMIENTO SOCIAL DE LA NIÑEZ EN LA PANDEMIA COVID-19

SOCIAL SKILLS: AN ASSESSMENT OF THE EFFECTS OF SOCIAL ISOLATION OF CHILDREN IN THE COVID-19 PANDEMIC

Ana Laura Milânio Gomes²

Karine Nogueira Alencar³

Livia Fonseca Magalhães Guermandi⁴

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar a possível relação entre o déficit nas habilidades sociais de crianças do ensino fundamental I e a carência de interações sociais devido ao contexto da pandemia da COVID-19. Com isso, a pesquisa envolveu uma análise em colaboração com professores e psicólogos, visando avaliar se as habilidades sociais das crianças foram afetadas devido ao isolamento social imposto pela pandemia. A metodologia adotada consistiu em uma abordagem qualitativa, que compreendeu a coleta de dados e a realização de dez entrevistas semiestruturadas com professoras do ensino fundamental I e psicólogos. O referencial teórico se baseou nos estudos das habilidades sociais de Del Prette, que oferecem uma ampla gama de conhecimento sobre o tema. Além disso, foram consideradas as perspectivas de Piaget, Vygotsky e Erik Erikson. Os resultados da pesquisa e a revisão bibliográfica apontaram para um impacto negativo em algumas habilidades sociais dessas crianças devido à pandemia, notadamente em áreas como o autocontrole e a capacidade de fazer amigos. Conclui-se, portanto, que este estudo desempenhou um papel fundamental na identificação dos efeitos adversos da COVID-19 nas habilidades sociais das crianças, oferecendo uma base para intervenções direcionadas a mitigar esses prejuízos.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades sociais; Isolamento social; Pandemia; Interação social; Crianças; Intervenções; Piaget, Vygotsky, Erick Erikson, Del Prette.

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue investigar la posible relación entre el déficit en habilidades sociales de los niños de primaria y la falta de interacciones sociales debido al contexto de la pandemia de COVID-19. Así, la investigación implicó un análisis en colaboración con docentes y psicólogos, con el objetivo de evaluar si las habilidades sociales de los niños se vieron afectadas por el aislamiento social impuesto por la pandemia. La metodología adoptada consistió en un abordaje cualitativo, que incluyó recolección de datos y diez entrevistas semiestruturadas con docentes de enseñanza básica y psicólogos. El marco teórico se basó en los estudios de habilidades sociales de Del Prette, que ofrecen una amplia gama de conocimientos sobre el tema. Además, se consideraron las perspectivas de Piaget, Vygotsky y Erik Erikson. Los resultados de la investigación y la revisión de la literatura apuntaron a un impacto negativo en algunas de las habilidades sociales de estos niños debido a la pandemia, especialmente en áreas como el autocontrol y la capacidad de hacer amigos. Se concluye, por tanto, que este estudio desempeñó un papel clave en la identificación de los efectos adversos de la COVID-19 en las habilidades sociales de los niños, ofreciendo una base para intervenciones dirigidas a mitigar estas deficiencias.

PALABRAS CLAVE: Habilidades sociales; Aislamiento social; Pandemia; Interacción social; Niños; Intervenciones; Piaget, Vygotsky, Erick Erikson, Del Prette.

ABSTRACT: This study's objective was to investigate the possible relationship between the deficit in social skills of elementary school children and the lack of social interactions due to the context of the COVID-19 pandemic. Therefore, the research involved an analysis in collaboration with teachers and psychologists, aiming to assess whether children's social skills were affected due to the social isolation imposed by the pandemic. The methodology adopted consisted of a qualitative approach, which included data collection and ten semi-structured interviews

¹ Trabalho orientado pela profa. Ariany Magalhães Leandro.

² analaura.milaniogomes@gmail.com

³ karinenogueiraalencar769@gmail.com

⁴ lfguermandi@sga.pucminas.br

with elementary school teachers and psychologists. The theoretical framework was based on Del Prette's studies of social skills, which offer a wide range of knowledge on the topic. Furthermore, the perspectives of Piaget, Vygotsky and Erik Erikson were considered. The research results and literature review pointed to a negative impact on some of these children's social skills due to the pandemic, notably in areas such as self-control and the ability to make friends. It is therefore concluded that this study played a fundamental role in identifying the adverse effects of COVID-19 on children's social skills, offering a basis for interventions aimed at mitigating these losses.

KEYWORDS: Social skills; Social isolation; Pandemic; Social interaction; Children; Interventions; Piaget, Vygotsky, Erick Erikson, Del Prette.

1 INTRODUÇÃO

Habilidades sociais são um conjunto de comportamentos que visam promover interações com outros indivíduos e estão de acordo com as competências esperadas para a faixa etária em questão. Conforme Del Prette e Del Prette (2001, p. 31), “o termo habilidades sociais refere-se à existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais”.

Nessa ótica, as interações sociais são definidas como um conjunto de relações interpessoais que envolvem trocas de diálogos, ações e expressões necessárias para a vivência e convívio em sociedade (CAFISSO, 2020).

Segundo Caballo (2003), o comportamento socialmente hábil é um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal específico, nos quais são expressos sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de maneira adequada àquela situação, respeitando os demais e, geralmente, resolvendo os problemas imediatos da situação, ao mesmo tempo em que minimiza a probabilidade de problemas futuros.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo discutir o desenvolvimento das habilidades sociais em crianças entre 6 e 10 anos que foram afetadas pelo isolamento social devido à pandemia da COVID-19 durante a fase escolar do Ensino Fundamental I.

2 MÉTODO

A presente pesquisa apresenta caráter exploratório, na qual foi estudada a relação entre as habilidades sociais e seus possíveis déficits decorrentes da pandemia da COVID-19. Com isso, foi possível ampliar a investigação desse assunto por meio de levantamento de dados e entrevistas com pessoas relevantes a esse tema, nesse caso, professores do ensino fundamental I e psicólogos infantis. Assim, este estudo foi baseado em métodos qualitativos de pesquisa, no qual foram exploradas informações sobre esse tema, ainda escasso de estudos.

A construção dessa pesquisa teve fundamentação em dados e referências das plataformas de pesquisa: Google acadêmico, SciELO e Periódicos CAPES. Para a etapa de análise de dados, foi utilizada como metodologia para coleta de dados a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista possui uma estrutura mais flexível, em que há um roteiro prévio das perguntas, mas que pode sofrer modificações no decorrer do processo e conforme a condução da conversa.

Depois de finalizadas as entrevistas semiestruturadas com os especialistas escolhidos, foram analisados e interpretados os dados relevantes para a pesquisa. Foi utilizada a abordagem qualitativa para analisar os dados resultantes. Desse modo, a análise das informações coletadas foi feita por uma avaliação que buscou relacionar os dados obtidos com o panorama social no qual essas crianças estão inseridas. Nesse sentido, o foco da análise não foi somente visar os resultados no que diz respeito a descobrir se houve ou não prejuízos nas habilidades sociais das crianças no período da pandemia da COVID-19, mas também, considerou todo o processo de possíveis desenvolvimentos e enfraquecimentos no que diz respeito às habilidades sociais de crianças em fase de alfabetização, que passaram esse período isoladas do convívio social escolar.

Foram realizadas 10 entrevistas, sendo 5 com psicólogas e 5 com professoras. No que diz respeito às professoras entrevistadas, foi garantido que elas tivessem experiências de trabalho com crianças do Ensino Fundamental I de Belo Horizonte e região antes da pandemia da COVID-19 e depois. Além disso, no que se refere às psicólogas, foi preciso que essas profissionais realizassem trabalhos com crianças na faixa dos 6 aos 10 anos que presenciaram o isolamento social. O contexto de trabalho desejado para a profissional entrevistada foi da psicologia escolar ou clínica com crianças da faixa etária previamente listada.

3 CONCEITUANDO HABILIDADES SOCIAIS

Habilidades sociais é a denominação dada às diferentes classes de comportamentos sociais disponíveis no repertório de uma pessoa, que contribuem para a qualidade e a efetividade das interações que ela estabelece com as demais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2001). Essas competências, ainda de acordo com Del Prette e Del Prette (2017), quando bem desenvolvidas na primeira infância são mantidas a médio e longo prazo, propiciando o avanço dessas e outras capacidades no futuro.

A título de exemplificação, uma classe de comportamentos sociais refere-se a um conjunto de comportamentos complexos que podem ser classificados como: habilidades sociais de comunicação, de assertividade, empáticas, de solução de problemas interpessoais, dentre

outros. Tais classes também podem ser subdivididas, como em: perguntar, responder, concordar, discordar, instruir, questionar (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2008).

Conforme afirmam Smotherman e Robinson (1996) a interação humana pode ser facilmente observada desde o nascimento do bebê, ou seja, ela está inerente à existência humana e se inicia desde muito cedo. Desse modo, como seres humanos, interagimos com o ambiente e com os elementos que estão presentes nele durante toda a nossa vivência e, é nesse contexto que se situa a habilidade social. É através da socialização que o conhecimento é estatizado, logo, o desenvolvimento da habilidade social é crucial para efetiva construção do histórico de ensino-aprendizagem do indivíduo (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2017).

Além disso, segundo as teorias sociointeracionistas (CRAIDY, C et al, 2007), a infância é um período bastante dinâmico em que as crianças não somente recebem informações, mas, por meio do contato com seu próprio corpo e com o ambiente à sua volta vão fortalecendo a capacidade afetiva, a sensibilidade, a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. À vista disso, fica notória a relevância da interação social desde os estágios iniciais do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o teórico Jean Piaget define as manifestações das interações sociais como:

se manifestando sob a forma de regras, de valores, de símbolos. A sociedade mesma constitui, por outro lado, um sistema de interações, começando com as relações dos indivíduos dois a dois e se estendendo até às interações entre cada um deles e o conjunto dos outros, e até às ações de todos os indivíduos anteriores, quer dizer de todas as interações históricas, sobre os indivíduos atuais (PIAGET, 1973, p. 40).

Ademais, vale evidenciar que, segundo Jean Piaget (1975) o processo de aquisição do conhecimento das crianças passa por quatro estágios e, pode-se sublinhar mais precisamente, para o enriquecimento deste trabalho, seus estudos acerca do Estágio Operatório Concreto, o qual coincide com o início da escolarização. Nessa fase, aproximadamente entre sete e onze anos, compreende-se o fortalecimento do pensamento lógico e da linguagem, tornando a criança mais comunicativa, mais sociável e menos egocêntrica, como colocado:

Pode-se designar pelo nome de egocentrismo do pensamento infantil essa característica intermediária entre o autismo integral constituído de devaneios incomunicáveis e a característica social da inteligência do adulto. (Piaget, 1923b, p. 284).

Com isso, o teórico ressalta a imprescindibilidade de colocar o indivíduo aprendiz, que se encontra nessa importante consolidação de seu desenvolvimento, em situações propícias para efetivar esse progresso. Para isso, Piaget desenvolveu o conceito de equilíbrio, o qual é o

ponto de concordância entre a assimilação e a acomodação, sendo assimilação o dinamismo mental de interpretação dos elementos do mundo em geral, e a acomodação como a inclusão de novos elementos dentro do esquema mental do sujeito (PIAGET, 1975). Assim, para haver progresso no desenvolvimento humano é preciso que sempre surjam novos elementos mais elaborados dentro da estrutura intelectual, causando os “desequilíbrios”.

Posto isso, é possível concluir que as habilidades sociais funcionam como importante ferramenta para atingir a obtenção de novas operações mentais. Dessa forma, deve-se considerar que o contato com pensamentos e pontos de vista diversos auxilia a criança a conhecer e entender opiniões e perspectivas diferentes que não a sua própria, passando do desequilíbrio ao equilíbrio (PIAGET, 1975). A interação social, portanto, causa desequilíbrios na criança, e à medida que vivencia e participa de discussões de ideias, ela passa a buscar por respostas e assim começa a criar esquemas ou mesmo modificar aqueles já existentes. Destarte, a privação do contato social com outros indivíduos pode afetar todo esse processo.

Nesse sentido, a Teoria sócio-histórica de Vygotsky (1991) defende a importância da mediação, das inter-relações e da interação com o meio social no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que influenciam, posteriormente, na aquisição de habilidades sociais. Del Prette e Del Prette (2005), afirmam que a aprendizagem de comportamentos sociais e de normas de convivência inicia-se na infância com a família e, depois, em outros ambientes como vizinhança, creche, pré-escola e escola.

Sendo assim, a fase educacional é um contexto rico de estímulos que promove conexões significativas para as crianças dessa faixa etária, e que além de contribuir no processo de construção do conhecimento e de aprendizagem, também influenciará na constituição integral e comportamental do próprio sujeito. Por outro lado, a inibição do contato com outras pessoas, que não apenas do contexto domiciliar, trará consequências subsequentes às habilidades sociais dos envolvidos. Por isso, percebe-se que o isolamento social não apenas interfere, mas muda todo o repertório de comportamentos de convivência entre as pessoas que, outrora, se desenvolvia nessa interação humana, já que o ser humano é produto das suas relações sociais. Então, diante esse cenário de isolamento, alguns déficits são percebidos:

Conforme estudos recentes de Gresham (1998 e 2002), é possível identificar três tipos de déficits: déficits de aquisição (é uma desvantagem caracterizada pela não ocorrência da habilidade diante da demanda do ambiente); déficits de desempenho (é uma desvantagem caracterizada pela ocorrência da habilidade com frequência inferior à esperada diante das demandas do ambiente) e déficits de fluência (é uma desvantagem caracterizada pela ocorrência da habilidade com proficiência inferior à esperada diante das demandas do ambiente). (SILVA, 2008).

Além disso, segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial proposta por Erikson (1976), o ser humano se constitui a partir da sua interação com o meio, e por isso, esse meio precisa estimular, principalmente, os fatores positivos, pois, caso contrário, os fatores negativos irão intervir no desenvolvimento psicossocial do indivíduo. Partindo desse pressuposto, colocamos em evidência a fase do desenvolvimento denominada “Construtividade x Inferioridade”, período em que a criança está sendo alfabetizada e frequentando a escola, o que exigirá dela maior sociabilidade, trabalho em conjunto, cooperatividade e outras habilidades necessárias fora do contexto familiar. Todavia, caso haja interferência ou dificuldades para esse desenvolvimento, essa criança vai viver a inferioridade em vez da construtividade, ou seja, haverá um déficit nessa habilidade social (ALVES, 2020). Desse modo, fica evidente a importância das escolas no processo de desenvolvimento das habilidades sociais, uma vez que, “a socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento da criança.” (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p.50).

Assim, entendendo que as habilidades sociais são referentes a uma extensa gama de comportamentos que favorecem as interações sociais, podemos analisar tais comportamentos como fundamentais em processos de aprendizagem e constituição e desenvolvimento de novas relações. Por isso, é de extrema importância que os déficits nessas habilidades sejam solucionados, se realmente prejudicados pela pandemia do COVID-19.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo das teorias então apresentadas, foi possível, em conjunto com as informações obtidas por meio das entrevistas realizadas, identificar os impactos do isolamento social que veio como uma medida protetiva na pandemia da COVID-19 nas habilidades sociais de crianças de 6 a 10 anos em fase escolar. Para tanto, os resultados foram analisados dividindo as habilidades sociais nas competências estabelecidas por Del Prette e e Del Prette (2005).

4.1 Autocontrole e expressividade emocional

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), as habilidades de reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros; acalmar-se; controlar o próprio humor; tolerar frustrações; falar sobre seus sentimentos (positivos ou negativos) e lidar com eles são componentes indispensáveis da classe autocontrole e expressividade emocional.

No quesito do autocontrole, que foi um dos primeiros tópicos abordado nas entrevistas, tanto as psicólogas, quanto as professoras afirmam observar um aumento na ansiedade, agressividade e agitação das crianças da faixa etária pesquisada (6 a 10 anos). As profissionais indicaram que há, nas crianças do contexto pós isolamento falta de paciência e dificuldades de espera. Outras situações apontadas como questões potencializadas após a pandemia foram: dificuldades para lidar com os erros, frustrações e negações.

Já em relação à expressividade emocional, a fala da psicóloga 3, relatou a percepção de um sentimento que não havia notado antes da pandemia. Segundo a entrevistada, as crianças têm apresentado um medo intenso de se desprender dos pais. Após terem passado dois anos juntos em casa pelo isolamento social da pandemia do COVID-19, a profissional relata a maior intensidade desse sentimento. Como podemos perceber nesta resposta:

‘Esse medo de ficar sozinho e de não conseguir lidar com as coisas por si só, de “se eu fizer xixi”, isso aconteceu várias vezes, “se eu sujasse a roupa”, não tenho minha mãe aqui.’ (Psi. 3).

Quatro entrevistadas também relataram terem percebido maior dificuldade para nomeação e expressão dos sentimentos, por parte das crianças. Duas pontuaram maior necessidade de falar e uma agitação psicomotora e verbal. Assim, a psicóloga 3 comentou:

eles tinham vontade de falar, de contar sobre a vida. As crianças fechadas também foram se desenvolvendo para poder falar (Psi. 3).

Nesse contexto, percebemos que a pandemia afetou sim o autocontrole e a expressividade emocional das crianças, deixando-as mais ansiosas e agitadas. Del Prette e Del Prette (2005), afirmam que conhecer as próprias emoções e saber lidar com elas é parte crucial do desenvolvimento interpessoal e componente crítico da competência social em praticamente todas as situações do cotidiano.

4.2 Civilidade

Conforme Del Prette (2017), a civilidade é definida como a prática de comportamentos respeitosos e corteses no convívio social. Isso implica em adotar atitudes empáticas e consideração pelo próximo, visando promover a harmonia e a coesão social. A civilidade busca o equilíbrio entre a liberdade individual e a responsabilidade coletiva, incentivando a cooperação e a

tolerância mútua. Nesse sentido, os resultados da pesquisa estão relacionados ao termo em questão.

Em todas as entrevistas realizadas, foi constatado um agravamento dos comportamentos contrários à civilidade. Os relatos apontaram para uma maior dificuldade em seguir ordens e regras. Quanto à coesão social, a Psi.1 destacou:

[...] Percebi que alguns alunos estavam extremamente estressados, ansiosos e sem limites. Quando digo sem limites, refiro-me à falta de solicitar ajuda e à atitude de agir sem restrições. Por exemplo, ao invés de pedirem ajuda, eles simplesmente pegam o que precisam. É uma falta de limites evidente. (Psi. 1)

Além disso, durante a entrevista, foi observado que as crianças, após a pandemia, apresentaram dificuldades em cumprir os horários estabelecidos pela escola. A Psi.3 também destacou a falta de necessidade desses comportamentos no ambiente familiar como justificativa para o atraso e o não cumprimento das regras. A escola é vista como um lugar onde o comportamento social é aprendido, o que reflete no desenvolvimento da civilidade dos alunos.

Outro aspecto relacionado à civilidade no comportamento verbal é a frequente interrupção das falas dos amigos ou dos professores. A Psi.2 observou um aumento significativo desse comportamento na atualidade, mas ressalta que a privação durante a pandemia não é o único fator acentuador desse hábito. Além disso, a Prof.5 enfatizou que a impaciência em esperar a vez de falar pode estar relacionada ao imediatismo percebido nas crianças. Ela destacou que é um desafio diário para elas compreenderem que os outros também desejam e precisam se expressar, sendo necessário um trabalho constante nesse sentido.

Ainda em relação ao cumprimento de regras, todos os profissionais entrevistados destacaram as dificuldades enfrentadas pelas crianças nesse aspecto, seja pela recusa em aceitar o "não" ou por apresentarem comportamentos contrários às regras pré-estabelecidas. A Prof 4 explicita essa questão ao mencionar:

Durante as atividades em sala, é perceptível a dificuldade delas em seguir ordens e respeitar as regras, interrompendo as falas dos colegas e conversando em momentos inapropriados.

Após a análise das entrevistas, concluímos que, no que diz respeito à civilidade, foi consenso entre os profissionais entrevistados que houve algum impacto nesse aspecto.

4.3 Empatia

Sabe-se que a empatia é um elemento fundamental para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e melhora na qualidade das relações, mostrando-se como um fator de proteção para problemas emocionais e comportamentais na infância. (JUSTO. et al, 2014). Sendo, portanto, uma habilidade social muito importante, foi objeto de interesse da pesquisa analisar como o isolamento durante a pandemia da COVID-19, afetou a empatia das crianças do fundamental 1.

Na opinião das psicólogas entrevistadas, uma profissional (Psi.4) acredita não ter acontecido alterações significativas nesse quesito, e outra (Psi.5) afirma não ter notado alteração. As outras 3 profissionais afirmam que se acentuou bastante a falta de iniciativa em oferecer ajuda uns aos outros e que muitas vezes, segundo uma delas (Psi.2) acontecem inclusive os extremos, ou de muita dificuldade de tolerância em relação às necessidades do outro, ou por outro lado, muita passividade.

Elas voltaram para a escola, com essa questão da empatia, muito limitada, sabe? E posso dizer que quase que inexistente, né? Então, isso foi uma das questões também que foram trabalhadas, porque... eram crianças que estavam pensando ali no seu desejo próprio, sabe assim, 'quero e tem que ser agora e tem que ser logo'. É... 'não importa o que que o outro está pensando. Esse brinquedo é meu, tira a mão dele. (Psi.2)

De acordo com uma das professoras (Prof.2), no início do retorno ao convívio social (pós isolamento), foi mais difícil lidar com essa questão, mas agora já se percebe as crianças com maior senso de empatia. Segundo a Professora 3, não havia casos significativos de discriminação em si, mas predominava o egoísmo, a dificuldade de entender as diferenças e de enxergar e cuidar do outro. Uma das entrevistadas (Prof.5) pontua que a pandemia influenciou, mas opina que dependia muito do “perfil” da turma.

Ano passado bem mais. Não sei te falar com precisão, por que acredito que seja muito do perfil da turma também, mas claro que a pandemia também contribuiu. Ano passado a turma não tinha essa capacidade de se colocar no lugar do outro, já esse ano não percebe isso tanto... (Prof. 5).

Duas das outras professoras (Prof.1 e Prof.4) disseram que a intolerância, a discriminação, a exclusão do outro e o predomínio do egoísmo estavam extremamente presentes nas crianças.

Dessa forma, quanto ao quesito empatia, conclui-se que não houve um consenso entre todas as entrevistadas. Na visão de algumas entrevistadas, em alguns casos, observa-se que houve sim certo prejuízo na empatia das crianças da faixa etária estudada.

4.4 Assertividade

A habilidade social percebida em comportamentos assertivos é uma das categorias que constituem as habilidades sociais de um indivíduo, o que possibilita ao mesmo, a capacidade de lidar da melhor forma com situações inter-relacionais, demandadas cotidianamente. Portanto, o comportamento assertivo é aquele a qual exige da pessoa a expressão direta e apropriada de seus pensamentos e sentimentos, levando em consideração também o outro, que é o receptor da mensagem, em uma determinada situação ou diálogo, por exemplo. Dessa maneira, a pessoa que possui essa habilidade, sabe medir as palavras emitidas, sem deixar de omitir aquilo que se pensa, porém, concomitantemente, visa considerar aquele a qual recebe tais informações. (Rimm e Masters, 1983, p. 67)

Essa habilidade está presente no campo dos relacionamentos humanos, e é contrária aos comportamentos, considerados extremos, isto é, os não assertivos e/ou agressivos, o que passa a ser um interlocutor ideal entre eles, como visto na análise:

Assim, enquanto o não assertivo é aquele que não valoriza seus próprios direitos e interesses, o agressivo é aquele que não respeita os direitos e interesses dos outros. O indivíduo assertivo seria aquele que valoriza tanto os seus próprios direitos quanto os dos outros. (Alberti e Emmons, 1978, citado por Bolsoni-Silva, 2002)

Sendo assim, a assertividade permite melhor forma de conviver socialmente e, por isso, a estimulação, desde o período da infância, se torna fundamental, especialmente na fase em que as crianças estão no contexto escolar, interagindo entre si. Por isso, como objeto de investigação, selecionamos esta categoria, para entendermos se o isolamento social impactou na prática dessa habilidade, a partir de três itens constituintes no roteiro da entrevista, abaixo citados:

- 1- Em relação ao ato de manifestar à opinião, se discorda ou concorda de algo, tem sido um comportamento comum ou raro entre as crianças?
- 2- Como as crianças lidam com as críticas e gozações dos coleguinhas, caso essa situação venha a ocorrer na sala de aula?
- 3- Como as crianças reagem quando são instigados a fazer algo, (contra a vontade delas), a seu pedido ou ao dos colegas?

A partir da verificação dos resultados, relatados pelas entrevistadas, observa-se que houve crianças que, de fato, tiveram dificuldades em lidar com contrariedades e de aceitar certas imposições, assim como de receber o “não” em certos momentos. Todavia, foram analisados, também, alguns extremos em que, por um lado, esteve presente determinadas atitudes hostis, no qual os alunos reagem com agressão física e/ou verbal, quando recebem algum tipo de crítica e/ou gozação, e por outro lado, alunos com extrema dificuldade em impor suas posições e que acabam por ceder às vontades dos demais, como visto em uma situação relatada por uma professora da rede pública de ensino:

[...] Fiquei comovida com uma criança que estava no recreio, caladinha, então fui lá conversar com ela e perguntar o porquê de ela estar daquele jeito. Ela falou assim: “Tia, é porque fulana pegou a minha bolacha e falou comigo que daqui a pouco vai me entregar e até agora ela não veio, aí quando fui atrás dessa fulana, ela estava lá distribuindo bolacha para todo mundo”. E a coitada ficou lá sem comer, porque não teve coragem de negar e nem de pedir de volta à colega. (Prof. 1).

Outros participantes alegaram que foi notada uma autocobrança muito forte da parte das crianças. No entanto, algumas das professoras abordaram que no início do retorno das aulas, pós pandemia, tiveram conflitos consideráveis, nessa questão, mas com o tempo, as crianças perceberam que o ambiente da escola não era como em casa, sem muita interação social e então, a partir das circunstâncias, conseguiram adaptar e conviver melhor naquele contexto. Ademais, foi percebido por algumas professoras, em outras ocasiões, que os alunos são participativos, gostam de expor as próprias opiniões e que, até mesmo, falam muito. Essa realidade se assemelha ao relato específico que uma das participantes, que atua em escola privada, expôs durante a entrevista:

[...] Uma característica nessa faixa etária é a espontaneidade. Então, se elas concordam com algo, elas falam e argumentam em cima daquilo, e se não concordam, também falam e argumentam, e o papel do professor nessa situação é de ensiná-los que nem tudo aquilo que eles veem ou ouvem na internet ou no Youtube é uma verdade absoluta, tem que conferir as fontes. Mas, de modo geral, eles manifestam de forma natural a opinião que eles têm, sem muito receio. (Prof. 5).

Portanto, todas essas afirmações confirmam a hipótese de que a habilidade social da assertividade foi prejudicada durante o confinamento, do Covid-19, e que esse fator pode ter contribuído para que, muitas crianças sentissem deslocadas ao retornarem à escola, principalmente na parte de relacionar-se com os demais. Contudo, como os indivíduos, especialmente as crianças, possuem grande facilidade em se adaptar, foi possível notar que, após um tempo

de convivência regular, conseguiram adquirir esses comportamentos, considerados ideais, nas demandas das relações e das interações pessoais e/ ou coletivas.

4.5 Fazer amizades

Em correspondência com o conceito definido por Del Prette e Del Prette (2005), fazer amizades é tudo aquilo que envolve iniciar e manter uma conversação, cumprimentar-se, apresentar-se, elogiar-se, dentre outras subclasses. Assim, em relação à essa habilidade social, nos relatos das psicólogas e das professoras foram observados que as crianças, ao voltarem da pandemia para as aulas presenciais, tinham mais dificuldades de fazer e manter novos vínculos de amizades. Timidez e medo foram aspectos muito notados por todas as profissionais, além de perceberem a falta de manejo de sustentação de uma conversa inicial com novos colegas de turma. De acordo com as psicólogas 2, 3 e 4, fazer amizades tornou-se um impasse nas relações interpessoais das crianças, pois o isolamento teve um forte impacto nas convivências escolares, fazendo com que o retorno fosse algo desafiador.

Eu acho que o principal aí foi a comunicação e principalmente as crianças estão com dificuldade de fazer amizades. Isso que eu notei a nível de consultório, né? E... as crianças que eu tenho atendido, têm demandado essa vontade de realmente conversar e fazer novos amigos mas não estão mais sabendo como chegar no coleguinha, não estão sabendo mais conversar. Elas também estão com um pouco de receio e eu diria que até medo. Medo do que o outro acha dele, medo de conversar... (Psi. 2).

Porém, nas entrevistas com as professoras selecionadas, pudemos constatar pelas suas exposições, que as crianças da faixa etária pesquisada tinham grande interesse em se ajustarem ao panorama pós pandêmico de forma a se aproximarem novamente, descobrindo novas formas de se relacionarem.

Portanto, é possível extrair das narrativas tanto das psicólogas quanto das professoras uma significativa diferença em relação à habilidade requerida para fazer amizades nas crianças antes e depois da pandemia. Atualmente, as crianças afetadas pelo Covid-19, no retorno aos ambientes presenciais, apresentam sinais de medo e isolamento frente a possíveis contatos de amizades, por conta de suas experiências afastadas de outros indivíduos nesse período. Mas é preciso salientar que após um período de adaptação às aulas, a dificuldade de manutenção de vínculos de amizades das crianças começou a ser reparada.

4.6 Solução de problemas interpessoais

Na habilidade social de solução de problemas interpessoais foi possível notar uma consonância nas falas tanto das profissionais da psicologia como da pedagogia. Podemos entender a importância dessa habilidade social quando compreendemos que,

O trabalho com as habilidades de solução de problemas interpessoais é fundamental para que os alunos aprendam sobre suas capacidades de resolver seus próprios conflitos diários, apropriando-se de suas responsabilidades nos problemas interpessoais. (MAIA e LOBO, 2013).

Nesse sentido, através dos relatos das psicólogas e professoras, foi possível perceber que as crianças estão mais impulsivas e agressivas ao lidar com situações que requerem soluções de problemas. Dessa maneira, é possível explicitar esses comportamentos através do relato da psicóloga 4, quando ela comenta:

[...] eu recebi alguns casos assim dos pais falando que antes da pandemia era super tranquilo, era uma criança super dócil. E agora não pode falar nada que fica nervoso, que vai sair chutando as coisas, né? E saem xingando... (Psi 4).

De outro modo, também foi unânime entre as profissionais de ambas as áreas, o comentário de que as crianças retornaram do período pandêmico com uma grande dificuldade de resolver problemas por si só e, logo, notou-se uma grande dependência dos adultos para a resolução de problemas que elas conseguiriam resolver sozinhas. Nesse sentido, a fim de ilustrar essa grande dependência, a professora 4 em seu relato comenta que no voltar das aulas após o período de pandemia de Covid-19, *“tinha aluno que me dava banana para poder descascar.”* (Prof4).

Em conclusão, foi percebido por todas as profissionais, a manifestação de comportamentos agressivos, impulsivos, agitados, e uma grande dependência de adultos para a resolução de problemas simples. Além disso, as professoras 1,2 e 5 relataram que perceberam crianças muito inseguras e com muito medo de errar. Assim sendo, podemos afirmar que a pandemia de COVID-19, afetou na habilidade das crianças de solucionar problemas interpessoais.

4.7 Habilidades sociais acadêmicas

A partir de uma análise da fala das psicólogas e professoras entrevistadas, foi perceptível que, embora os alunos tenham apresentado maior dificuldade de concentração durante as aulas

se comparado com antes da pandemia, pouco foi observado nas capacidades gerais dos alunos em termos de habilidades sociais acadêmicas. Assim, constatamos que a participação das crianças do fundamental I em sala de aula não foi consideravelmente alterada em decorrência da pandemia e, mesmo que o tempo afastado da escola, devido ao isolamento e as aulas on-line, além do excesso de telas, provavelmente contribuíram para que esses alunos tivessem maior desinteresse e dificuldade de se concentrar na aula, essa situação já tem sido amenizada pela escola, como foi explicitado por uma das psicólogas entrevistadas:

Quando a aula era online, elas ficavam muito distraídas. A gente tinha essa queixa dos pais, “nossa como estão distraídas”, não prestam atenção. Agora não tem mais tanta queixa assim, de modo geral, pois já estão de volta nas escolas, não têm mais tanta tela. (Psi. 4).

Ademais, pouco foi observado sobre mudanças na busca por desempenho, segundo as entrevistadas, a busca por validação ocorria mesmo antes da pandemia:

[...] A criança, ela busca essa aprovação independente do tempo, não é agora só por causa da pandemia ... Você busca aprovação o tempo todo. Na sua nota, quando você tava lá na escola e tirava uma boa nota, você queria ver e mostrar pro pai, pra avó o seu desenho, a sua letra que você tá aprendendo... tudo a gente busca. Isso percorre a vida da gente, a gente busca essa aprovação nos pais, nos colegas, em quem está mais próximo... A gente tá sempre buscando. Eu não diria que na pandemia isso aumentou, mas pela minha experiência, isso sempre existiu... (Psi. 2).

Com isso, entendemos que o contexto das aulas remotas durante a pandemia provocou uma maior desatenção dos alunos, devido ao maior número de estímulos em casa. Porém, é possível observar a diminuição das reclamações dos pais e professores sobre a desatenção das crianças, uma vez que ela está sendo amenizada pelo contexto escolar atual. Ademais, consideramos a busca por aprovação igual ao que era antes do contexto pandêmico.

Portanto, entendemos que, embora afetada pela pandemia, a desatenção não está sendo tão crítica na atualidade, enquanto a busca por aprovação continuou igual se comparado com antes da pandemia.

5 CONCLUSÃO

Diante da execução dessa pesquisa, se tornou possível perceber uma diferença no desenvolvimento de habilidades sociais no que se refere a comparação de crianças da faixa etária de 6 a 10 anos que passaram pelo isolamento procedente da pandemia de COVID-19 e aquelas

que não enfrentaram o isolamento. Nesse sentido, através de uma revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas realizadas com profissionais da área da educação e psicologia, foi possível constatar que a pandemia teve impactos em diversos aspectos das habilidades sociais das crianças, conforme descrito nos estudos de Del Prette e Del Prette (2005).

A partir de uma revisão dos comportamentos que expressão as habilidades sociais no contexto clínico e escolar, os relatos das entrevistas com professoras e psicólogas revelaram que habilidades como autocontrole, expressividade emocional, civilidade, assertividade e resolução de problemas foram consideravelmente mais afetadas pela pandemia em comparação com habilidades como empatia, capacidade para fazer amizades e desempenho acadêmico. No entanto, é essencial considerar outras variáveis significativas, mencionadas pelas entrevistadas, que possivelmente interferiram nessas habilidades sociais. Entre elas, destacam-se os fatores do contexto familiar e domiciliar, como divórcio dos pais e outras situações da rotina, além do uso excessivo de dispositivos eletrônicos.

Os resultados da pesquisa indicaram prejuízos decorrentes da pandemia, como maior dependência, agitação e ansiedade, entre outros. Foi possível identificar que habilidades como autocontrole, expressividade emocional, civilidade, assertividade, capacidade de fazer amigos e habilidades de solução de problemas foram afetadas. Com isso, sugere-se a realização de novas pesquisas para compreender os melhores métodos de suprir as deficiências evidenciadas. Assim como, é importante considerar a possibilidade de acompanhamento psicológico para crianças impactadas por esse contexto e fornecer orientações aos pais.

Por fim, entende-se que o isolamento social pode estar atrelado a múltiplos contextos decorrentes de anomalias na sociedade civil, assim, acreditamos que os estudos e análises realizados a partir desta experiência podem facilitar o processo de compreensão das medidas a serem adotadas para evitar prováveis prejuízos nas habilidades sociais de crianças entre 6 e 10 anos que possam passar por essa medida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo Marcondes. Erik Erikson: **os estágios psicossociais do desenvolvimento**. Ensaios e Notas, 2020. Disponível em: <https://ensaiosnotas.com/2020/06/13/erik-erikson-os-estagios-psicossociais-do-desenvolvimento/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

Bolsoni-Silva, A. T. (2002). **Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento**. Interação em Psicologia, 6, 233-242.

CAFISSO, Jessica. **Interação social**. 2020. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/interacao-social>. Acesso em: out. 2022.

CABALLO, Vicente E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gladis E. **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DEL PRETTE, A., DEL PRETTE, Z. A. P. (2001). **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001a). **Habilidades sociais: Biologia evolucionária e cultura**. In H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Expondo a variabilidade* (pp. 65-75). Santo André: ESETec Editores Associados.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001b). **Inventário de Habilidades Sociais: Manual de aplicação, apuração e interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Práticas baseadas em evidência e treinamento de habilidades sociais**. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. *Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 261-288.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico-prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas**. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 18, n. 41, p. 517-530, 2008.

JUSTO, Reuwsaat. et al. **Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais**. *Psicologia, Saúde e Doenças*, vol. 15, núm. 2, 2014, pp. 510-523. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, Lisboa, Portugal.

PIAGET, Jean. **O pensamento simbólico e o pensamento da criança**. *Arquivos de Psicologia, Universidade de Genebra*, XVII, n.º 72, maio de 1923, pp. 273-304.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. São Paulo: Forense, 1973.

PIAGET, Jean. A teoria de Piaget. In: MUSSEN, P. H. (Org.). **Psicologia da Criança: Desenvolvimento Cognitivo**. São Paulo: E.P.U., 1975. Vol. 4, p. 71-115.

RIMM, D.C. & MASTERS, J.C. **Terapia comportamental: técnicas e resultados experimentais**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Manole, 1983.

SILVA, Rosângela Aparecida. **Importância das habilidades sociais educativas no contexto da sala de aula**. 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_rosangela_aparecida_silva.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

SMOTHERMAN, W.; ROBINSON, S. **The development of behavior before birth.** *Developmental Psychology*, v. 32, n. 3, p. 425-434, 1996.